



A cultura do brincar no sítio redinha do município de São José do Sabugi – PB: continuidades e discontinuidades

The culture of play in the "Redinha" community in the municipality of São José do Sabugi – PB: continuities and discontinuities.

Maria do Desterro Medeiros¹

1 - Universidade Federal da Paraíba, UFPB, Brasil



Informação do artigo

DOI: [10.5281/zenodo.8000188](https://doi.org/10.5281/zenodo.8000188)

ARK: [31127/cfnde.v4i07.45.g24](https://nbn-resolving.org/urn:nbn:br:cfnde.v4i07.45.g24)

ISSN: 2675-1925

Recebido em: 20/03/2023

Aceito em: 16/06/2023

Publicado em: 02/06/2023

Palavras-chave:

Brincadeiras.
Cultura Infantil.
Educação Infantil.

Kywords:

Play.
Child Culture.
Early Childhood Education.

Resumo

A presente pesquisa tem como objetivo primordial compreender as transformações pelas quais a cultura do brincar sofreu, em uma comunidade rural de nome Sítio Redinha situada no município de São José do Sabugi - PB. O problema da pesquisa justifica-se a partir do pressuposto que a infância na comunidade Sítio Redinha era preenchida pela cultura do brincar. O estudo fundamenta-se nos pressupostos teóricos de Ariés (1981), Geertz (1989), Brasil (1998), Laraia (2006), Borba (2007), entre outros que abordam a compreensão do brincar como a apropriação e produção de cultura. A metodologia utilizada para esta pesquisa foi de caráter exploratório, descritivo analítico com abordagem quanti-qualitativa e foi realizado o uso dos seguintes instrumentos: observação e entrevista semiestruturada. Os sujeitos da pesquisa foram: seis idosos (65-79 anos), seis crianças (6-11 anos) e quatro adultos (33-50 anos), que convivem ou conviveram na comunidade Sítio Redinha. A partir da análise dos dados observou-se que a infância nessa comunidade era/é preenchida pela cultura do brincar, visto que havia a dificuldade do campo em recursos tecnológicos e econômicos, e mesmo com o aparecimento das tecnologias, as brincadeiras de antes não se perderam ou se acabaram, as crianças que hoje lá estão permanecem brincando com muitas das mesmas brincadeiras, mas com o acréscimo desse novo brincar, utilizando-se os jogos eletrônicos e virtuais. Sabe-se que a cultura do brincar percorre várias épocas e ambientes em diferentes épocas - passado e presente -, com características distintas devido às transformações constantes da sociedade. As brincadeiras são reinventadas ou mesmo (re) criadas ao longo do tempo pelas crianças em diferentes contextos. Conclui-se, afirmando através dos dados coletados que o brincar é algo evolutivo e sempre novo.



¹ Mestrado em andamento em INFORMÁTICA pela Universidade Federal da Paraíba. Pós graduada no curso da XXIII Especialização em Educação Básica pela Universidade Federal de Campina Grande (UFCG) em 2017, tendo como tema de pesquisa a "Cultura do Brincar". Possui Licenciatura em Ciências Sociais, pela Universidade Federal de Campina Grande (UFCG) em 2014.

Abstract

The present research has as main objective as the transformations by which a culture of play has suffered in the rural community Sítio Redinha of the municipality of. The problem of the research is justified from a presumption of childhood in the community of Redinha, surrounded by the culture of play. The study is based on the theoretical assumptions of Ariés (1981), Geertz (1989), Brasil (1998), Laraia (2006), Borba (2007), and others that address the understanding of play as an appropriation and production of culture. The methodology used for this research was exploratory, analytical descriptive with quantitative-qualitative approach and the following instruments were used: observation and semi-structured interview. The subjects were: six elderly (65-79 years), six children (6-11 years) and four adults (33-50 years old), who live or lived in the Redinha community. From the analysis of the data it was observed that the childhood in this community was / is filled by the culture of playing since there was the difficulty of the field in technological and economic resources and even with the appearance of the technologies the games of before were not lost or if the children who are there today are still playing with many of the same games, but with the addition of this new play, using the electronic and virtual games. It is known that the culture of play goes through several epochs and environments in different epochs - past and present - , with distinct characteristics due to the constant transformations of the society. The games are reinvented or even recreated over time by children in different contexts. It concludes by affirming through the collected data that the play is something evolutionary and always new.

Introdução

Esta pesquisa tem como tema “A cultura do brincar no Sítio Redinha do Município de São José do Sabugi - PB: continuidades e descontinuidades” e a mesma foi desenvolvida durante um ano, na referida comunidade. Contou com a participação de vários indivíduos, entre os quais: seis crianças de 6 a 11 anos; quatro adultos na faixa etária de 33 a 50 anos e seis idosos, 65 a 79 anos.

Nos idos da metade do séc. XX, nesta comunidade, viviam em torno de 30 famílias, todos agricultores e pecuaristas. Atualmente residem 56 famílias, contendo 42 crianças, 22 jovens, 89 adultos e 24 idosos.

Sabe-se que, a infância é um período muito intenso de atividades: as fantasias, os movimentos corporais ocupam quase todo tempo da criança. Nesse sentido, é importante que a criança vivencie bastantes atividades lúdicas, através de jogos e brincadeiras, uma vez que estas são excelência na educação infantil.

As crianças brincando com os outros se apoderam da realidade, criando possibilidades para a própria construção da autonomia e do convívio e participação no meio social. Assim sendo, estão sempre em uma ação de construção e reconstrução, pois ao agir sobre o mundo, interpreta-o e constrói novos significados, a partir das interações sociais.

Neste sentido é de suma importância ressaltar, que através da brincadeira a criança se apropria da forma da ação humana, e de práticas sociais específicas dos grupos aos quais pertence. Assim, ao brincar a criança passa a comunicar suas experiências, bem como, se apropria da cultura e a reelabora.

Como inquietação pessoal, o presente trabalho pretende trazer à tona a cultura do brincar dentro da comunidade Redinha, em que vivi, e de como estas brincadeiras eram vivenciadas, e como estão atualmente, sobretudo, pelas transformações porque passou o lugar.

Deste modo, buscamos nesta pesquisa, problematizar sobre as transformações pelas quais a cultura do brincar passou, nesses 50 anos, na comunidade rural Sítio Redinha,

visando propor indicativos, que colaborem para avanços qualitativos no brincar, com experiência cultural, onde a criança passa a comunicar suas práticas, elaborando novos conhecimentos com o outro, e se reconhecendo como sujeito que pretende inserir-se a um grupo social.

O objetivo geral para esta pesquisa foi compreender as transformações pelas quais a cultura do brincar sofreu, na comunidade rural Sítio Redinha, do Município de São José do Sabugi-PB. Para desenvolver esse objetivo desmembraram-se os seguintes objetivos específicos: conhecer a História desta comunidade rural; identificar o ambiente atual da referida comunidade; levantar as brincadeiras comumente desenvolvidas em tempos passados, por moradores da referida comunidade; caracterizar as brincadeiras atualmente desenvolvidas por moradores.

Esta pesquisa caracterizou-se de uma forma geral, como uma pesquisa de campo, acerca das transformações pelas quais a cultura do brincar passou, nesta comunidade rural.

Para desenvolver e atingir os objetivos dessa pesquisa foram realizadas entrevistas com moradores da comunidade, que vivem ou viveram na comunidade. Contou com a participação de idosos, adultos e crianças, no texto identificados com os códigos I1 a I6 para os idosos, A1 a A4 para os adultos e C1 a C6 para as crianças.

Para isto desenvolveu-se estudos baseados em teóricos como: Ariés (1981), Geertz (1989), Brasil (1998), Laraia (2006), Borba (2007) e outros, que relatam o brincar, como lugar de apropriação e produção da cultura pela criança.

Diante destas considerações, e visando atingir os objetivos acima numerados, essa produção acadêmica encontra-se dividida da seguinte maneira:

Inicialmente, no primeiro capítulo apresenta-se o contexto do Sítio Redinha, com o objetivo de entender o local onde a pesquisa foi realizada. No segundo capítulo, aborda-se sobre os conceitos de cultura e cultura do brincar. O terceiro capítulo trata dos procedimentos metodológicos, informando da tipologia de pesquisa, dos instrumentos de coleta de dados e dos sujeitos pesquisados. O quarto capítulo refere-se às transformações da cultura do brincar no Sítio Redinha, levando-se em considerações as informações colhidas, através de entrevistas com os moradores da comunidade, e por fim, nas considerações finais apresentamos as reflexões sobre a cultura do brincar, e as inferências resultantes da análise com os sujeitos pesquisados.

1. Contexto do sítio redinha

Como ponto de partida, tome-se como referência o lócus de nossa pesquisa, a comunidade Redinha, que está localizada na zona rural do município de São José do Sabugi-PB, a 17,6 Km da cidade.

Para compreender as mudanças na cultura do brincar no Sítio Redinha, iniciamos trazendo o contexto, onde a pesquisa foi realizada. O objetivo neste momento é o de informar do local, onde todo o enredo da pesquisa foi desenvolvido. Para pensar o contexto do Sítio Redinha busquei, não apenas na memória pessoal, informações que me fazem perceber o local, mas também recorri às falas dos sujeitos da pesquisa que, em meio a conversas sobre a pesquisa, trouxeram à tona informações dos anos passados e de como está atualmente à comunidade Redinha.

O município de São José do Sabugi-PB tem 55 anos de Emancipação Política (10/01/1962), e conta com aproximadamente 4.145 habitantes (IBGE, 2017). Pertencente a esse município, na comunidade Redinha viviam àquela época – meados do sec. XX -, em torno de 30 famílias, todos agricultores e pecuaristas. Atualmente residem 56 famílias, contendo 42 crianças, 22 jovens, 89 adultos e 24 idosos².

² Informações colhidas pelo Agente de Saúde do município.

Sobre a origem do nome da Comunidade Redinha, observamos duas falas interessantes dos entrevistados que nos servem de destaque para o entendimento da origem da comunidade.

A primeira delas, do entrevistado A3, 49 anos, diz que os mais velhos contavam que é porque os viajantes que iam para os brejos comprar farinha, rapadura, essas coisas no jumento; quando vinham de Ouro Branco (RN) e seja de onde fosse, descia lá onde tem umas aroeiras, umas sombras lá e amarravam os jumentos e armavam as redes e por isso pegou o nome de Redinha, porque armavam uma rede para dormirem, para poder no outro dia viajarem. Botavam as redes para descansar, e ficou como Redinha.

A outra história sobre a origem do nome, nos foi relatada pelo entrevistado A2, 40 anos, e parece ser o mais acertado. O nome Redinha tem suscitado controvérsias ao longo do tempo na sua história. Para alguns moradores do local o nome teve origem por causa das lavadeiras de roupas, mulheres da região que estendiam as várias redes nas cercas de arames e lajeiros, como falavam elas, para “quarar”. Para outros, a origem do nome Redinha se deu pelas diversas redes usadas pelos retirantes, que por ali passavam e se acampavam em baixo de árvores para descansar, e acabavam passando noites naquela região (confere com a história do A3). Essa prática era rotineira, segundo os mais velhos da região. A comunidade Redinha faz referência à região do Vale do Sabugi, situada no Município de São José do Sabugi- PB. Seus limites definem-se, ao Norte com Sítio, ao Sul, com lagos e Canoas, ao Leste com Poço de angico, e ao Oeste com Latadinha e Riacho da Serra.

Falar da história da comunidade Redinha é mergulhar no passado, para recordar acontecimentos que marcam em toda a trajetória, uma história que tratam da vida de cada um morador que viveu e que vive a realidade na comunidade. Todos que já partiram para outros lugares, sempre se lembram do seu lugar tão acolhedor e aconchegante, e retornam para relembrar o que já viveu na comunidade.

Comunidade cheia de histórias de vida, de pessoas que viveram muitas dificuldades, mas que lutaram por uma vida digna, confortável e que venceram, e hoje estão bem de vida.

Uma das características maiores da comunidade, que prevalece até hoje é a religião, é a hora na qual ainda se organizam, para se juntar e conversarem. Pois as relações sociais entre eles, não é a mesma. Grupo de oração, legião de Maria, terço com os homens, associações, tudo isso foi aos poucos formando, e até hoje prevalece.

Sobre àquela época – anos da década de 1950, as condições financeiras da comunidade eram muito difíceis, o dinheiro que ganhava com o trabalho na roça só dava para comprar comida, e mesmo assim não tinham ganância, sempre se conformavam com o que tinham e pensavam no melhor para a família, na união e fartura.

Naquela época, a formação de professores era muito difícil, os estudos eram poucos que concluíam, tinham que trabalhar para sobreviver, os pais eram muito exigentes com seus filhos. Juntavam-se alguns, e o prefeito mandava uma professora de fora ensinar na zona rural, com toda dificuldade. Não existia merenda, e muito menos transporte para se locomover. Iam a pé para escola. No contexto escolar, não tinham datas comemorativas de nada nas escolas, era somente focado em estudar, para aprender a ler e escrever.

Não havia televisão, era apenas um rádio a pilha, uma situação bem precária. Não tinham contato com esse mundo tecnológico ainda, era uma vida bem mais saudável que hoje em dia. Principalmente o contato, as relações entre eles eram melhores. A energia chegou bem depois. A água era num poço distante de casa, no qual os pais iam com seus filhos buscar água em dois galões, como assim chamavam, davam bastantes viagens, para encher os potes para fazer a comida, tomar banho e beber.

Os trabalhos na roça não eram com pensamentos em vender, lucrar, eram no intuito de comer em abundância, saciar a fome da família. Tudo sem agrotóxicos.

Era uma vida bem sacrificada, porém muito alegre, com famílias reunidas na mesa, com hora para dormir, hora para sair e chegar, muita tranquilidade, paz e harmonia. Vizinhos bons, sempre se importando com os outros, no bom sentido, se um estivesse doente, fazia visitas, levando remédios de ervas, que encontravam no quintal perto de casa. Era difícil um ficar doente.

Não tinham pensamentos maus, sempre resolviam os problemas com conversas, às crianças brincavam todas juntas, sem separação de meninos e meninas. As pessoas se conheciam por apelido, típico de comunidades pequenas, falavam os idosos com muito entusiasmo.

Os anos se passavam, e a comunidade ganhando volume de famílias, crianças, muitas modificações aconteciam. A cultura era a mesma e a tradição das famílias também, mas a geração de novas pessoas habitando, mudavam as coisas. Surgiam oportunidades de crescimento na agricultura, apareceram feiras na cidade vizinha, e os trabalhadores rurais já podiam começar a vender suas frutas e legumes na feira, ganhando assim dinheiro, que permitia comprar coisas melhores para a mesa da família.

Todos ficavam contentes, com cada mudança que ocorria de família em família. O valor das coisas estava nas coisas mais simples. Após um dia de trabalho, de estudar, um dia bem cansativo, as crianças iam brincar até dar sono, e começar uma nova rotina. A obediência era regra dentro de casa. Os filhos sempre obedeciam aos pais na comunidade.

A interação das crianças era muito boa e com as melhores intenções possíveis, não tinha carícia de menino e menina, se tivesse era normal, pois não se tinha pensamentos ainda sobre assuntos de adultos, que hoje em dia é tratado já desde a puberdade, partindo da escola. Assuntos que deveriam partir da família, de dentro de casa. As rodas de conversas nas tardes de domingo com amigos, vizinhos e familiares era tradição nossa. Ouvindo aquelas histórias dos mais velhos, como foi a semana de cada um, era uma conversa bem saudável com todos.

No que se refere às brincadeiras, desenvolvidas no terreiro de nossas casas, eram realizadas frequentemente em contato com a matéria prima encontrada na natureza, onde fazíamos bolinhos do barro; outras brincadeiras eram praticadas como inspiração da vida adulta, em que brincávamos de casinha em baixo das arvores, pegávamos o rodo de casa e fazia de conta que era um cavalinho; brincávamos de esconde-esconde, construção rural onde o curral era feito de pedra e colocávamos galinhas de pereiro; brincávamos também com brinquedos feitos com matéria prima da propriedade, a exemplo das bonecas feitas de pano e com cabelos de espiga de milho; algumas brincadeiras envolviam os frutos das árvores, em que faziam colares feitos de carrapateira (mamona); todas essas brincadeiras eram feitas pelas crianças da comunidade, quando estavam reunidas nas casas dos vizinhos.

Nas entrevistas feitas durante a pesquisa, os idosos falaram sobre as suas histórias de vida e sobre como era a comunidade. Foram muitas informações que para mim, enquanto pesquisadora e moradora da comunidade, foi algo extraordinário, saber de tantos detalhes que me surpreendeu, falar do que já existiu na comunidade e perceber o que permanece, o que desapareceu e o que continua na cultura da comunidade e, principalmente, no meu objeto de estudo que é a cultura do brincar.

É o que nos disse a I4, registrado a seguir:

Era um lugar bem tranquilo de viver, as pessoas se ajudavam uns aos outros, as necessidades eram superadas em união com os moradores. Quando um faltava o feijão, o outro tinha, daí trocavam e assim seguiam em frente, sobrevivendo com o pouco que tinham, trabalhando muito com fé e devoção (I4, mulher 70 anos).

As brincadeiras nessa época usavam muito a imaginação, a criatividade de cada um, já que não tinham as melhores condições para comprarem brinquedos, pois com as condições dos pais não dava para comprar, nem o mínimo que é uma boneca ou uma bola. O jeito era pegar o que tinham ao seu alcance, e imaginar ser o que gostaria que fosse. Os brinquedos eram confeccionados com muita alegria, criatividade e pura diversão, era a maior festa nos terreiros das nossas casas e nos vizinhos.

Neste contexto, a ideia de 'comunidade' geralmente não está relacionada ao seu significado próprio, e sim a um agrupamento de pensamentos étnicos, religiosos, de identificação nacional, ou mesmo em relação ao espaço de inserção. Estudos sociais, em especial os de Sociologia, afirmam que a definição de 'comunidade' pode não se apresentar de forma uniforme e abranger um conhecimento bem maior ou mais limitado.

Dessa forma, Robert Nisbet declara que a ideia de 'comunidade':

[...] no sentido em que é empregado por muitos pensadores de século XIX e XX, o termo abrange todas as formas de relacionamento caracterizados por um grau elevado de intimidade pessoal, profundidade emocional, engajamento moral, coerção social e continuidade no tempo (apud PEIXOTO, 2006, p.4).

Na zona rural brasileira, é comum agrupar pequenas porções de moradores para formação de uma comunidade, visando o compartilhamento de pequenas unidades sociais, sejam escolares, de saúde e de trabalho cooperativo agrícola. Essas unidades são conhecidas pelas suas pequenas áreas, que enfrentam obstáculos para que possam alcançar um desenvolvimento pleno.

Há uma visão estereotipada acerca da zona rural, de que a mesma não é desenvolvida como o meio urbano. Entretanto, nem todas as comunidades rurais podem ser vistas como algo atrasado, quando comparados à zona urbana. Isto porque as realidades apresentadas pelas mesmas são distintas, ou seja, as necessidades das comunidades rurais diferem na maior parte das necessidades das comunidades urbanas.

A zona rural tem a terra como principal vantagem sobre a zona urbana, visto que a cidade por ter uma população maior, conseqüentemente tem suas terras ocupadas indevidamente, e modifica as características do ambiente com o saneamento básico que interfere na qualidade do solo, bem como a construção de rodovias.

Peixoto (2006), em seu estudo sobre comunidades e desenvolvimento agrícola, definiu com base em suas concepções as comunidades rurais, da seguinte forma:

Com base nesse reequacionamento da definição do rural como um modo de vida distinto, embora constituído e modificado em suas relações com o urbano, é que cabe a discussão das formas de sociabilidade nele observadas. Assim, pode-se afirmar, inicialmente, que as relações sociais no meio rural tendem a ser predominantemente comunitárias (PEIXOTO, 2006, p.8-9).

Nessa linha de pensamento, percebe-se que devido os diferentes modos de vida entre o campo e as cidades, as relações sociais acontecem com frequências e intensidades distintas. Por causa das atividades produtivas como agricultura e pecuária, as propriedades ocupam longas distâncias de território, assim o contato social entre os moradores é menor em relação à vizinhança nas ruas; porém, mesmo que não tenham a mesma frequência de contato social, como a população urbana tem, a população das comunidades rurais desenvolve uma relação com os seus 'vizinhos' muito intensa e íntima, assim como ocorre nos bairros populares das cidades.

Enfim, a que se destacar que nas comunidades rurais também estão presentes os conflitos sociais, que são consequência da desigualdade entre as áreas das propriedades. No entanto, não se pode atribuir os conflitos por terra como o único conflito entre os moradores dessas comunidades, mas também as transformações que permeiam o meio rural como acontece na zona urbana, tais como: a inclusão social, a inserção de tecnologias e o desenvolvimento espacial; todos esses elementos proporcionam transformações de ideias, estabelecendo relações entre a região local e o mundo à parte.

2 CULTURA E CULTURA DO BRINCAR

2.1 Cultura: abordagem geral

Neste capítulo da pesquisa é preciso que façamos uma abordagem geral em torno da cultura, esta que perpassa por todos os povos e nações, e é imprescindível para a compreensão da formação histórica e organizacional das civilizações, quer seja antiga ou atual.

Para Laraia (2006), a primeira definição de cultura que foi formulada do ponto de vista antropológico, pertence a Edward Tylor, no primeiro parágrafo de seu livro *Primitive Culture* (1871). Tylor procurou, além disto, demonstrar que cultura pode ser objeto de um estudo sistemático, pois trata-se de um fenômeno natural que possui causas e regularidades, permitindo em estudo objetivo e uma análise capazes de proporcionar a formulação de leis sobre o processo cultural e a evolução, graças a uma uniformidade de ação de causas uniformes, considerados como estágio de desenvolvimento ou evolução.

Assim, cultura admite várias definições, as quais são descritas por inúmeros autores das Ciências Sociais, como sociólogos e antropólogos. Nesse sentido, percebe-se que a cultura faz parte da sociedade em si, logo seu conhecimento é muito abrangente e apresenta diversas linhas de pensamento.

Ainda sobre os estudos de Laraia (2006), a cultura mais do que a herança genética, determina o comportamento do homem, e justifica as suas realizações, e este age de acordo com os seus padrões culturais. Os seus instintos foram parcialmente anulados, pelo longo processo evolutivo por que passou. A cultura é o meio de adaptação aos diferentes ambientes ecológicos. Em vez de modificar para isto o seu aparato biológico, o homem modifica o seu equipamento superorgânico.

Nesse sentido, podemos afirmar que a cultura é produto do meio, e se origina no uso de símbolos. Assim, as culturas são sistemas (de padrões de comportamento socialmente transmitidos) que servem para adaptar as comunidades humanas, aos seus embasamentos biológicos. Esse modo de vida das comunidades inclui tecnologias e modos de organização econômica, padrões de estabelecimento, de agrupamento social e organização política, crenças e práticas religiosas, e assim por diante (LARAIA, 2006).

Nas pesquisas desse mesmo autor, este afirma que Keesing refere-se inicialmente, às teorias que consideram a cultura como um sistema adaptativo. Difundida por neo-

evolucionistas como Leslie Harris, Carneiro, Rappaport, Vayda e outros que, apesar das fortes divergências que apresentam entre si, concordam que,

Culturas são sistemas (de padrões de comportamento socialmente transmitidos) que servem para adaptar as comunidades humanas aos seus embasamentos biológicos. Esse modo de vida das comunidades inclui tecnologias e modos de organização econômica, padrões de estabelecimento, de agrupamento social e organização política, crenças e práticas religiosas, e assim por diante (apud LARAIA, 2006,59).

Enveredando nessa linha de pensamento, algumas concepções de Clifford Geertz afirmam que a cultura não é algo que pode ser descrito e sim percebido. O antropólogo ainda afirma que a cultura não se limita a matéria concreta, que se pode ver ou achar onde há. Geertz diz que a cultura é uma indústria de significados, que são compartilhados livremente e compreendidos através de comportamentos, linguagens que o homem dá significados.

Clifford Geertz enaltece algumas características da cultura, tais como a propagação dos conhecimentos adquiridos, ou seja, de algo que foi recebido e é compartilhado publicamente dentro da sociedade. Essas características são muito essenciais, para fazer uma conclusão precisa do que é a cultura.

Ao tentar concluir a definição de cultura, Geertz faz a seguinte descrição metafórica:

[...] a cultura que é mais bem vista não como complexos de padrões concretos de comportamento-costumes, usos, tradições, feixes de hábitos, com tem sido agora. Mas como um conjunto de mecanismos de controle- planos receitas, regras, instruções (o que os engenheiros de computação chamam “programas” (GEERTZ, 1989, p.56.).

Dessa forma, entende-se que Geertz ao comparar o homem como uma máquina, mostra que a cultura é software diversificado que é implantado em máquinas recém-criadas, ou seja, que o homem recebe a cultura que é transmitida e imposta a ele. Então, compreende-se que a cultura é dinâmica e que ao passo que a mesma está em transformação, o homem vai recebendo novas características instantaneamente.

O autor afirma que cultura é uma expressão da construção humana. A cultura é construída através do diálogo entre as pessoas no dia a dia. Nessa interação social é construído gradativamente símbolos e significados que tem sentido a essas pessoas, e são compartilhados entre elas. A construção de uma cultura está repleta de elementos e significados que vão identificar esse povo como pertencente a uma determinada comunidade ou região, diferenciando-os de outras comunidades, surge assim, a identidade cultural.

O entendimento do significado de cultura subsidiará a compreensão das raízes culturais. Quando nos referimos às raízes culturais estamos nos referindo à sua origem, principio, ou seja, a forma como foi construída a cultura de um povo, o que mostram que certos elementos ou certas manifestações culturais sejam consideradas especificamente desse povo.

2.2 A cultura do brincar: um processo de construção histórico

Para o entendimento de nosso estudo e da relação deste com a cultura e a cultura do brincar, recorreremos ao conceito de Kramer para embasar as reflexões desse tópico. Para ele, brincar é uma experiência de cultura relevante não só nos primeiros anos de infância, mas também em todo o percurso de vida de qualquer ser humano. As crianças brincam, isso é o que as caracteriza (KRAMER, 2007).

Se o brincar caracteriza a infância, esse mesmo brincar vai alimentar-se das referências e do acervo cultural a que as crianças têm acesso, bem como das experiências que elas têm (BORBA, 2007). Por esse raciocínio, compreendemos que as crianças se alimentam daquilo que seus pais e avós e/ou os membros da própria comunidade lhes repassam, ou seja, do que é costumeiro na realidade local.

Nas contribuições de Machado (2003, p.21), este nos mostra que:

Brincar é nossa primeira forma de cultura. A cultura é algo que pertence a todos e que nos faz participar de ideais e objetivos comuns. A cultura é o jeito de as pessoas conviverem, se expressarem, é o modo como as crianças brincam, como os adultos vivem, trabalham, fazem arte. Mesmo sem estar brincando com o que denominamos “brinquedo”, a criança brinca com a cultura.

Nesse sentido, através da brincadeira a criança se apropria de elementos da realidade imediata, transferindo-lhes novos significados. Assim sendo, toda brincadeira é uma imitação modificada, na área das emoções e das ideias, de uma realidade antecipadamente vivenciada.

Ao brincar a criança, explora o mundo ao seu redor e também, mostrando sentimentos, ideias, fantasias, intercambiando o real e o imaginário nesse espaço chamado brincadeira, e que será o de suas futuras atividades culturais. Nesse sentido, “não existe na criança uma brincadeira natural, a brincadeira é um processo de relações interindividuais, portanto, de cultura” (BROUGÈRE, 2001, p. 97 apud KISHIMOTO, 2002).

Apreende-se da citação do autor que o brincar é uma relevante experiência de cultura, e um complexo processo interativo e reflexivo, que expande conhecimentos da criança sobre o mundo e sobre si mesma.

As brincadeiras são essenciais no processo de formação humana das crianças, visto que as mesmas implicam no desenvolvimento intelectual e comportamental durante a infância. Sabendo que a sociedade apresenta uma tendência de mudanças comportamentais, ao passo que os anos avançam e as tecnologias se inovam, conseqüentemente, as diferentes fases da vida, em especial a infância, passam a apresentar novas características.

Durante a Idade Média, a infância não era algo pré-estabelecido para as crianças, não se associava essa fase da vida, como particularidade destas. As crianças eram tratadas igualmente como adultos, apenas tinham uma estatura corporal bem menor que eles. Nos tempos medievais, crianças e adultos ocupavam os mesmos espaços e compartilhavam as mesmas práticas, inclusive os jogos e as brincadeiras.

Nessa época, o trabalho não tinha uma importância tão significativa, o trabalho era pouco laborado durante o dia, logo sobrava muito mais tempo para atividades sem compromissos, como declara o historiador Philippe Ariès (1981):

Na sociedade antiga, o trabalho não ocupava tanto tempo do dia, nem tinha tanta importância na opinião comum: não tinha o valor existencial que lhe atribuímos há pouco mais de um século. Mal podemos dizer que tivesse o mesmo sentido. Por outro lado, os jogos e divertimentos, estendiam-se muito além dos momentos furtivos que lhes dedicamos: formavam um dos principais meios que dispunha uma sociedade para estreitar seus laços coletivos, para sentir-se unida (ARIÈS, 1981, p.51).

A partir de todo um processo de transformações e de entendimento de infância, a criança passou a ser vista de outra forma, como um indivíduo que tem necessidades próprias para sua idade. Dessa forma, as brincadeiras infantis passaram a ser valorizadas e reconhecidas, como o essencial para uma infância pura.

Historicamente, sabe-se que as brincadeiras infantis se originaram a partir de práticas culturais e religiosas pelos adultos e que as mesmas persistiram por muitos anos, embora praticadas posteriormente por crianças. Consecutivamente, veio o surgimento dos brinquedos, que antes eram meros enfeites domésticos e depois tornaram-se objetivos de desejo pelas crianças.

Os brinquedos eram fabricados por artesões que usavam a madeira, depois vieram as indústrias do metal, do papel, do vidro, e do plástico para aperfeiçoar ainda mais a produção desses objetos de diversão. Dessa maneira, os brinquedos foram incorporados às brincadeiras pelas crianças, contribuindo para o crescimento da relação lúdica da criança com o mundo e os signos culturais.

A criança entra em contato o tempo todo, durante a brincadeira, como signos produzidos pela cultura à qual pertencem. Para Brougère (1997 apud ALVES e GNOATO, 2003, p.112), a brincadeira de casinha, os brinquedos de guerra, os heróis da televisão (...), são elementos que encerram em si significados e ideologias.

Neste sentido é que ocorre a bidirecionalidade de transmissão cultural, pois a atividade de brincar da criança é estruturada conforme os sistemas de significados cultural do grupo ela pertence. Mas, ao mesmo tempo, essa atividade é reorganizada no próprio ato de brincar da criança, de acordo com o sentido particular por ela atribuído as suas ações, em interação com seus pares ou com seus membros mais competentes de sua cultura.

A assimilação da cultura mediada pela brincadeira possui uma função subjetiva, em que a criança resgata, organiza e constitui sua subjetividade (ARAÚJO e COLS, 1998 apud ALVES e GNOATO, 2003), denomina “entidade pessoal” da cultura.

Para Vygostky (1984), no brinquedo há uma contribuição para o desenvolvimento inclusive da língua escrita, já que nele ocorre uma representação do significado. Outro fator ressaltado pelo autor diz respeito à presença de regras na brincadeira: Qualquer forma de brinquedo imaginativo contém regras “a priori”, embora não seja uma situação de jogo com regras formais estabelecidas.

A relação da brincadeira e seu representante material (brinquedo) com a cultura é vista por Benjamim atrelada à função da imaginação no desenvolvimento da criança na sua relação com os brinquedos. “A essência do brincar não está no “fazer como se”, mas um fazer sempre de novo, a transferência da experiência mais comovente em hábito” (Benjamim, 1984, p. 75).

Já Bettelheim (1988), nos aponta que a brincadeira tem uma motivação interna, que corresponderia a uma ansiedade ou desejo, se configurando com um exercício de entendimento do mundo. Por isso entende a brincadeira compulsiva como representação de uma luta da criança para superar uma situação de dificuldade.

Para esse autor, a brincadeira é tão importante no desenvolvimento da criança, que sem ela o intelecto não se desenvolveria, pois, a brincadeira possui uma função cognitiva e outra pulsional.

Mas a brincadeira tem duas facetas adicionais, uma dirigida para o passado e outra para o futuro. (...) a brincadeira permite que a criança resolva de forma simbólica problemas não resolvidos do passado e enfrente direta ou simbolicamente questões do presente (Bettelheim, 1988, 144-145).

Segundo o raciocínio acima, o autor afirma que crianças que não tem grandes oportunidades de brincar, e com as quais raramente se brinca, sofreu graves interrupções ou reverses intelectuais, “porque na brincadeira e através dela, a criança exercita seus processos mentais” (Bettelheim, 1988, 145).

A grande contribuição da brincadeira, na sua relação com a cultura, é a capacidade da criança de aprender a não desistir aos primeiros sinais de fracasso, e sim, tentar e tentar novamente, ou seja, Bettelheim vê, na perseverança e no esforço tenaz, possibilidades de aprendizado cultural. Huizinga relaciona cultura e vida: “o jogo se estabelece logo como forma de cultura (...). As características do jogo são as mesmas da cultura, por consequente, a cultura desde a antiguidade, manifesta-se como jogo” (apud ECO, 1985, p.276). Portanto, acaba fazendo uma teoria do comportamento lúdico, não do jogo, não estudando, conforme assinala Eco, o jogo jogante, e sim, o jogo jogado.

O brincar sempre foi uma atividade de inerente à condição humana, e que está presente em diferentes épocas e lugares, sendo marcada pela continuidade e pela mudança.

Isso implica dizer que a brincadeira é uma forma privilegiada de interação com os adultos e os seus pares, com os objetos e a natureza. Brincando, as crianças se apropriam criativamente de formas de ação tipicamente humanas, e da prática social específica dos grupos aos quais pertencem.

Diante disso, Kishimoto (2007, p.18) explicita que,

Uma representação é algo presente no lugar de algo. Representar é responder a alguma coisa e permitir sua evocação, mesmo em sua ausência. O brinquedo coloca a criança na presença de reproduções: tudo o que existe no cotidiano, na natureza e construções humanas. Pode-se dizer que um dos objetivos do brinquedo é dar à criança um substituto dos objetos reais, para que possa manipulá-los.

Neste contexto evidencia-se que a criança reproduz no brinquedo, vivências do seu dia-a-dia, bem como internaliza experiências e desenvolve outras formas de representação da realidade.

Na contemporaneidade, evidencia-se uma transformação nas formas de brincar das crianças, visto que a indústria veio se inovando e inserindo as tecnologias avançadas no cotidiano desta população. Aparelhos eletrônicos como televisão, computadores, jogos eletrônicos, bem como a internet, são as causas possíveis para que a cultura do brincar aconteça de uma forma superficial.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

3.1 Natureza da pesquisa

Caracteriza-se como uma pesquisa de campo, visto que seus procedimentos para coletar os dados procuraram se aprofundar em uma realidade específica, através de observação direta das atividades desenvolvidas pela amostra da pesquisa, e de questionamentos para conseguir explicações e interpretações sobre o que está acontecendo naquela realidade (GIL, 2008), ou seja, ao coletar os dados esta pesquisa, buscou aprofundar no fenômeno da cultura do brincar daquela localidade, por meio de uma observação e de um questionamento à amostra do mesmo.

A pesquisa ainda apresenta-se como exploratório, uma vez que seus objetivos buscaram a explicação do seu problema, a fim de se familiarizar por meio de entrevistas e questionamento (GIL, 2008), isto é, a pesquisa explorou o fenômeno da cultura do brincar daquela localidade, por que estes apresentam uma relação estreita; e como descritivo, já que os objetivos buscaram descrever as características de uma determinada população ou fenômeno, quando utilizada observação sistemática e questionários como técnicas padronizadas para coletar os dados (GIL, 2008), ou seja, este estudo procurou descrever as características da cultura do brincar, por meio de questionários ou mesmo por uma observação.

3.2 Sujeitos da pesquisa

A pesquisa foi constituída por crianças, adultos e idosos que residiram ou residem no Sitio Redinha do município São José do Sabugi-PB, e a amostra foi constituída por seis crianças (entre 6 e 11 de idade) quatro adultos (faixa etária entre 33 a 50 anos de idade) e seis idosos entre 65 a 79 anos de idade, todos aceitaram participar da pesquisa e consentiram oralmente, já que pesquisadora mantinha vínculos na comunidade (conhecida de todos).

3.2.1 Perfil dos sujeitos

Idosos

Foram seis entrevistados (I1 a I6), entre eles quatro mulheres e dois homens, a maioria reside ainda na comunidade Redinha, demais foram morar na cidade. Os entrevistados têm a faixa etária entre 65 a 79 anos de idade. Foram muito importantes essas entrevistas, pois me veio às lembranças da minha infância e saber como foi à infância dos meus pais, avós. Foi uma verdadeira viagem no tempo. Todos entrevistados aceitaram fazer as entrevistas, não recusaram quando eu disse que iria gravar, pois haveria de realizar a transcrição das falas para análise na pesquisa.

I1: A primeira entrevistada é uma senhora de 75 anos de idade, aposentada, casada, mãe de nove filhos, todos casados. Ex-moradora da comunidade. Ela ficou bem à vontade e começou a contar sua história desde que nasceu até quando se casou. Escutei com muita atenção, ela sempre olhando para mim, observando se eu estava escutando.

I2: A segunda entrevistada é uma senhora, ex-moradora da comunidade, tem 77 anos de idade, aposentada, casada, mãe de dois filhos, foi uma fundadora da “Legião de Maria”, um movimento religioso com um grupo de devotos de Nossa Senhora das Graças, com pessoas da comunidade, que até hoje existe esse grupo, mais forte que nunca. Foi eleita presidente desse grupo, no qual ficou por muito tempo e que por motivos de saúde teve que se afastar, passando seu cargo para outro membro do grupo. Foi professora da comunidade por muitos anos, catequista na igreja, ela é uma mulher que teve muita história para contar na entrevista.

I3: O terceiro entrevistado é um senhor com 68 anos de idade, casado, pai de dois filhos, mora atualmente na cidade de Santa Luzia, próximo à comunidade Redinha. Nossa conversa foi num sábado pela manhã, num encontro casual na feira central da cidade. Conversamos e fomos até sua casa no qual fizemos a entrevista. Ele foi agente de saúde da comunidade por trinta anos, agricultor, faz parte do grupo da Legião de Maria, como tesoureiro.

I4: A quarta entrevistada é outra senhora, ex-moradora da comunidade, com 70 anos de idade, casada, mãe de três filhas, atualmente mora na cidade de São José do Sabugi-PB, que fica poucos quilômetros de distância do Sítio Redinha. Ela é uma idosa muito extrovertida, poeta, gosta muito de fazer versos improvisados ou contando algum tema que a desafiar. Foi professora da comunidade, no qual se orgulha muito de ter ensinado as pessoas a ler e escrever.

I5: O quinto entrevistado é um senhor de 76 anos de idade, viúvo, pai de oito filhos, todos casados. Ex-morador do Sítio Redinha, hoje ele mora sozinho na sua casa. Sempre com bom humor, com seus lindos cabelos brancos. Todos os domingos vai passear com seus netos na comunidade, visitar parentes, amigos e familiares.

I6: A sexta entrevistada é uma senhora, moradora da comunidade Redinha, com 79 anos de idade, viúva, a melhor costureira dos sítios e cidades vizinhas, mãe de duas filhas e dois filhos, um dos filhos é adotado. Atualmente ela mora com sua nora e seu filho adotivo. Muito religiosa, foi uma das fundadoras da “Legião de Maria”, sempre está presente nas missas mensais, participando da liturgia. Foi numa tarde de um sábado que fiz a entrevista, na sua residência, nós duas sentadas na cadeira de balanço, num ambiente bem tranquilo, sem barulho nenhum, ela bem a vontade se balançando na cadeira falou: tem algum tempo para encerrar a entrevista? Porque contar minha história toda, vai demorar muito (risos). Depois de muitas risadas, ela muito contente falou sobre sua infância e como era a vida da sua família naquele tempo, falou que apesar de toda simplicidade no campo, não faltava alegrias.

Adultos

Foram quatro entrevistados (A1 a A4), três homens e uma mulher, com a faixa etária entre 33 a 50 anos de idade. A maioria reside na comunidade. Todas as falas foram de extrema importância para minha pesquisa, no qual todos falaram da importância da cultura do brincar para a infância das crianças e conta que é a melhor fase da vida, ser criança.

A1: A primeira entrevistada é uma senhora, com 33 anos de idade, casada, dona de casa, trabalha como costureira numa facção na cidade de Santana do Seridó – RN, na função de revisora final. É mãe de duas filhas e atualmente mora na cidade de São José do Sabugi-PB nas proximidades da comunidade.

A2: O segundo entrevistado é um senhor com 40 anos de idade, casado, é pai de duas filhas, já morou em duas cidades, mais sempre acaba voltando a morar na sua querida comunidade, hoje está morando com sua esposa e sua filha recém-nascida na comunidade. É um excelente professor de Matemática, trabalha em três escolas das cidades vizinhas.

A3: O terceiro entrevistado é um senhor, com 49 anos de idade, ex-morador da comunidade, casado, pai de um casal, muito religioso, trabalha como costureiro, faz sofá, é minerador, participante dos movimentos sociais, como: associações, sindicatos dos trabalhadores e tesoureiro do grupo “Legião de Maria” na comunidade.

A4: O quarto entrevistado é um senhor de 50 anos de idade, pai de duas filhas, morador da comunidade, um grande amigo de todos. Ele trabalha como agente de saúde da comunidade, admirados por todos, sempre está em busca de melhorias para a comunidade.

Presidente de associação, apaixonado pelo PT (Partido dos Trabalhadores), faz parte do grupo do terço dos homens e da Legião de Maria é um dos fundadores.

Crianças

Foram entrevistadas seis crianças (C1 a C6) com faixa etária entre 6 a 11 anos de idade. Todas elas moradoras da comunidade.

C1: A primeira entrevistada é uma criança de 11 anos de idade, moradora da comunidade, filha de agricultores, mora com seus pais e sua irmã mais velha de quinze anos de idade. Mora próxima a escola onde estuda e perto de uma quadra de futebol, no qual brinca com suas amigas. Quando fui conversar com ela, estava jogando no seu computador na sala de sua casa. Comecei a conversar com ela e foi bem sincera nas respostas. Era um final de tarde e já ia fazer as tarefas da escola.

C2: A segunda entrevistada tem 8 anos de idade, filha de uma família bem apresentada pela comunidade, muito educada, tem uma irmã e mora com seus pais. Quando fui a sua casa era quase 10h00 da manhã, um sol muito forte, fui a pé até sua casa, parando nos pés de cajaranas e umbuzeiros. Cheguei à porta da casa, chamei por ela, a sua mãe veio e respondeu que estava em seu quarto jogando no computador, ela foi chamar e a menina veio falar comigo. Entrei sentei no sofá perto dela e comecei a conversar com ela.

C3: A terceira entrevistada tem 7 anos de idade, filha de um dos melhores pedreiros da região, bem conhecido por todos, tem três irmãos, sua família é bem problemática e sofrida, mas o que mais chama atenção é que sempre estão sorridentes apesar das dificuldades do dia a dia. Ela gosta de dançar e participa de eventos festivos na comunidade.

C4: O quarto entrevistado tem 6 anos de idade, nasceu no Rio de Janeiro, mas veio morar na comunidade. Seus pais são separados e hoje mora com sua mãe e seu irmão que veio também do Rio de Janeiro. É um garoto muito carinhoso, esperto, alegre e que respeita todos seus coleguinhas, muito apegado com sua mãe e seu irmão. Não tem contato com seu pai, mas sua mãe está presente em todos os momentos.

C5: A quinta entrevistada tem 10 anos de idade, mora na comunidade, uma menina muito sonhadora, criativa, gosta de fazer suas próprias modas. Tem um irmão, mora com sua mãe e seu padastro, seu pai mora na cidade vizinha no qual passa os finais de semana com ele. Fui pela manhã até sua casa, cheguei pela cozinha, pois era a única porta aberta, sua mãe estava lavando roupa em cima do fogão a lenha no qual também preparava a comida. Era a maior fumaça. Fui com a menina para a área de serviço, sentamos em cima de dois tijolos e começamos nossa conversa.

C6: O sexto entrevistado tem 10 anos de idade, morador da comunidade. Tem duas irmãs, menino que começou a seguir os passos do seu pai, trabalhando muito em casa e na roça. Todos o admiram por ser muito trabalhador. Saí de casa a pé e quando estava subindo uma ladeira, avistei-o, ele estava em cima de uma carroça de jumento carregando vários tambores com água do poço para casa num lugar bem distante. Fui com ele na sua casa, começamos a conversar sobre sua rotina, seu dia, suas brincadeiras.

3.3 Instrumentos para coleta de dados

Foram utilizados para coletar os dados, dois roteiros de entrevistas com perguntas objetivas e subjetivas (APÊNDICE A e B) elaborado pelo autor desse estudo; bem como um gravador para registro oral dos participantes desta pesquisa.

O presente estudo também incluiu como forma de complementação aos dados, uma observação no ambiente da comunidade rural Sitia Redinha do município de São José do Sabugi- PB.

3.4 Procedimentos para coleta dos dados

Primeiramente foram apresentados os objetivos da pesquisa afirmando que não haveria prejuízos a pessoa, e que a participação da pesquisa seria totalmente voluntária, livre de qualquer comprometimento, os que confirmaram a participação autorizaram a gravação, em seguida foram iniciadas as entrevistas e o registro oral de forma individual e discreta.

O desenvolvimento das entrevistas se deu através de dois roteiros diferentes (ANEXO A e B) para os participantes dessa pesquisa. Para os adultos e idosos foram feitas perguntas de um mesmo roteiro de entrevistas acerca de sua infância, especialmente sobre a cultura do brincar vivenciada por eles. Outro roteiro de entrevistas foi aplicado às crianças sobre a sua infância, mas especificamente a cultura do brincar vivenciada pelas mesmas. As respostas da amostra desse estudo foram registradas por meio de gravação e áudio e em relatos escritos pelas mesmas. Fotos e registros documentais não estão inclusos, porque os idosos e adultos não tinham esses registros guardados para a realização do comparativo, e para conter só registros das crianças ficava desinteressante para a pesquisa.

As informações provenientes na literatura pela maior familiaridade com o tema, incluindo ao todo como Clifford Geertz e Robert Nisbet por sua importância em estudos sociais.

A realização das coletas dos dados por meio desses procedimentos correspondeu a um tempo de 30 dias, ocorrendo entre 1 de setembro de 2016 e o dia 30 desse mesmo mês e ano.

3.5 Análise dos dados

Os dados foram avaliados utilizando-se a estatística descritiva, e os resultados foram apresentados em tabelas e na análise de conteúdo sobre a fala dos participantes, conforme se apresenta abaixo.

4. As transformações da cultura do brincar no sítio redinha.

Neste capítulo nossa abordagem se dará em relação aos dados quantificados da amostragem da pesquisa, bem como a análise das falas transcritas dos entrevistados, fundamentadas em alguns dos teóricos pesquisados, a partir das transformações vivenciadas pelos sujeitos da pesquisa e da cultura do brincar no Sítio Redinha, situado no município São José do Sabugí - PB.

4.1 Caracterização da Amostra

A caracterização da amostra refere-se aos dados de identificação dos entrevistados, relacionados ao sexo e a idade.

TABELA 1. Caracterização da amostra com relação ao sexo (nº: 16).

Variáveis	Sexo	Quant.	%
Crianças	Masculino	02	34
	Feminino	04	66
	Total	06	100
Adultos	Masculino	03	83,4
	Feminino	01	16,6
	Total	04	100
Idosos	Masculino	02	34
	Feminino	04	66
	Total	06	100

FONTE: Dados da pesquisa, 2016. Sítio Redinha. São José do Sabugi – PB

A Tabela 1 apresenta a caracterização da amostra com relação ao sexo. 02 (34%) das crianças entrevistadas são do sexo masculino, a grande maioria 04 (66%) são do sexo feminino. A grande maioria dos adultos é do sexo masculino, apenas 0,1 (16,6%) são do sexo feminino. Com relação aos idosos pode-se perceber que 0,4 (66%) são do sexo feminino e 0,2 (34%) são do sexo masculino

TABELA 2. Caracterização da amostra quanto à idade.

Variáveis	Idade	Sexo	%
Crianças	6 a 8	02 (F) 1 (M)	50
	9 a 11	02 (F) 1 (M)	50
	Total	06	100
Adultos	33 a 39	01 (F) 01 (M)	50
	40 a 50	02 (M)	50
	Total	04	100
Idosos	65 a 70	02 (M) 01(F)	50
	71 a 79	02 (F) 01(M)	50
	Total	06	100

FONTE: Dados da pesquisa, 2016. Sítio Redinha. São José do Sabugi - PB.

A Tabela 2 mostra a caracterização da amostra quanto à idade, onde três crianças (50%) encontram-se na faixa etária de 6 a 8 anos, o mesmo percentual encontra-se as crianças de 9 a 11 anos. Os adultos 03(50%) estão com idade 33 a 39 anos e 40 a 50 anos, respectivamente. Entre os idosos 03(50%) afirmam possuírem idade entre 65 a 70 anos o mesmo percentual respondeu 71 a 79 anos.

4.2 O contínuo e descontínuo da cultura do brincar para idosos, adultos e crianças.

Os dados foram analisados de acordo com a coerência da fala dos entrevistados, à luz da análise de conteúdo (Fonte: Dados da pesquisa, 2016).

No desenvolvimento da realização das entrevistas com os idosos e adultos que residiram ou residem no Sítio Redinha, município de São José Sabugi-PB, indagou-se sobre “Como era a comunidade naquela época?”.

Na distribuição do apanhado de opiniões dos idosos e adultos pedimos para que os entrevistados dissessem como era a comunidade no tempo deles. Obtiveram-se os seguintes resultados, conforme nos mostra o apanhado de falas abaixo fundamentadas nos teóricos pesquisados:

A Redinha naquele tempo era muito bom, porque tinha muita planta, muito algodão, muita mangueira, muita pinheira, cajueiro, tudo era muito bom. Muito imbuzeiro, tudo era bom porque tinha muita fruta. Era muito bom naquela época, dancei muito forró, tocava instrumentos, meu irmão tocava violão e eu tocava no reco, era bom. Apanhava muito algodão, eu trabalhava muito (I1, mulher, 75). Naquela época não se tinha muita diversão como se tem hoje (I2, mulher, 77). Naquele tempo não tinha televisão, aí tinha rádio, naquele tempo era rádio, aí a gente pegava e colocava lá” (I4, mulher, 70). “Era muito sacrificada, eu achava tão sacrificada, que eu mesma só possuía dois vestidos, um feito de chita, ninguém nem queria usar, e adorava quando uma tia minha que tinha uma *budega*, despejava aquele açúcar no caixão e me dava o saco pra eu fazer um vestido (I6, mulher, 79).

Começou sem energia, não tinha energia, tinha radio de pilha, nós não assistíamos nada, ai depois foi mudando, chegou energia, ai nós tivemos condições de comprar uma televisão de preto e branco das pequenas, foi à primeira televisão que vovó comprou ai pronto, foi evoluindo (A1, mulher, 33).

As crianças tinham dificuldade, de casa para a escola, às vezes não tínhamos nem alimentação para levar e nesse tempo nem tinha merenda, agora assim, cada um fazia com que cada um fizesse o seu brinquedo, já que não podia comprar, cada um fazia o seu para brincar. Cada um pegava uma coisa, uma caixinha para fazer um carro, as meninas procuravam uma espiga de milho para fazer os cabelos com boneca de milho e como não podia comprar presente, fazia isso mesmo. E todos sempre ajudavam os pais na agricultura, mas dinheiro era difícil (A4, homem, 50).

Como se vê acima, para os entrevistados há certa nostalgia do tempo vivido, mesmo com as dificuldades de um ou de outro, pela simplicidade da vida ou pelo fato de estarem vivendo na comunidade rural - sem energia, pouca condição financeira para ter luxos, e pouco acesso a tecnologias da época, a TV foi a única citada, mas tinham rádio a pilha. Há, no entanto, nas falas destacadas alguma boa lembrança dos tempos vividos, e certamente aquilo em maior ou menor grau de recursos econômicos era positivo, e como tal era próprio da cultura daquela época – meados dos anos de 1950.

Neste sentido, tudo isso tem a ver com a definição de cultura de Tylor, em 1871, que diz ser cultura o comportamento aprendido, tudo aquilo que independe de uma transmissão genética, como diríamos hoje (apud LARAIA, 2006).

Sobre as falas acima podemos inferir que, sem dúvida, o campo que se configura como um ambiente praticamente natural, que tem vegetação e fauna diversificada, favorece a prática de brincadeiras de forma mais atraente e com mais liberdade. Dessa forma, evidencia-se que a cultura do brincar do campo acontece de forma mais natural e com bem menos restrições, quando comparada a do meio urbano.

Entretanto, o campo é um local que na maioria das vezes é ocupado por famílias de agricultores humildes. Portanto, a vida no campo exige um esforço maior dos seus moradores para sua sobrevivência, logo a infância lúdica das crianças pertencentes a essas famílias é trocada por uma responsabilidade precoce ao passo que as mesmas são incluídas no trabalho de casa pelos pais para ajudar em seu sustento, desenvolvendo atividades como: plantio, colheita e a lida com animais.

Para o questionamento “Como eram as brincadeiras naquela época?”, obtivemos as seguintes lembranças:

Brincávamos todos juntos. Brincavam tudo misturado, as professoras ficavam olhando... Eu brincava de roda, ciranda cirandinha, essas coisas assim, da toca. Não tinha tempo para brincar em casa, só quando ia para escola, brincava no recreio. A gente brincava sabe com o que? Nós pegávamos uns sabugos, duas tiras de pano, fazia como umas mocinhas, aí a gente brincava, fazia as casinhas com pedras, repartia o quarto, a sala, ai a gente botava as bonecas, ai a diversão da gente era essa. Brincava no terreiro. (I1, mulher, 75)

A gente brincava muito de pular corda, saltar nas barrocas (risos), era muito divertido saltar, é tanto que uma vez desmenti até meu pé [torceu o pé] de tanto saltar (I2, mulher, 77).

A minha infância foi vivida toda na agricultura junto com meus pais. Tempo não tinha muito porque tínhamos que trabalhar para se sustentar. As diversões que nós tínhamos naquele tempo era o forró

pé de serra, aqueles casamentos que tocávamos; tudo tranquilamente, essa era a diversão que nós tínhamos naquela época (I3, homem, 68).

Como se diz, as minhas brincadeiras eram: brincar de roda, uma segurando na mão da outra e fazendo aquela rodada, era muito bom, e a gente só se juntava no domingo, as amigas, porque na semana a gente trabalhava e outros eram trabalhos da roça (I6, mulher, 79).

Quando eu era criança brincava muito de pular corda, esconde-esconde com meus irmãos e amigos, passa anel, amarelinha, corrida de Argolinha e barra-bandeira (A2, homem, 40).

As brincadeiras que a gente fazia era pegar um pedaço de pau, amarrar uns cordões e ficar brincando dizendo que eram os cavalos. (risos). Essas eram as diversões da minha infância e meus irmãos, porque não estudávamos porque pai só queria que a gente trabalhasse. Era uma infância muito difícil. Os momentos de brincar era a noite, se juntava mais a noite para brincar. Tinha futebol à noite, quando a noite clareava íamos brincar, no clarão da lua, encarnados [time vermelho] contra azul num campo que Zé de Bau fez. Já era uma diversão melhor (A3, homem, 49).

Apreende-se das falas acima destacadas que os entrevistados tiveram uma infância saudável, mas também com algumas dificuldades, pois precisavam trabalhar para ajudar os pais na agricultura e nos trabalhos domésticos. Suas brincadeiras eram simples e realizadas sempre ao ar livre, e mesmo que não era de todo “o brincar” porque a questão do trabalho vinha primeiro, ainda assim o entendimento da brincadeira estava nas entrelinhas.

Um contínuo no discurso dos idosos e dos adultos se apresenta quando estes dizem que brincavam de roda, bonecas criadas artesanalmente - sabugo, pelos idosos e pano pelos adultos. Um adulto (A2, homem, 40) cita que brincava de pular corda, esconde-esconde, passa anel, amarelinha, corrida de Argolinha e barra-bandeira, brincadeiras estas, que mesmo não citadas pelos idosos entrevistados, estava também em sua realidade por representar uma cultura local. No dizer de Medeiros (2010), estas são o compartilhamento e realização de brincadeiras do repertório tradicional, patrimônio cultural da infância e, portanto, da sociedade em geral (p. 63).

Outras formas de brincar citadas pelos entrevistados são as brincadeiras livres - no terreiro, pular poças d'águas e correr de cavalos feitos de pedaços de pau, além do futebol e/ou nas horas que estavam trabalhando na roça ou tocando em casamentos.

Isso demonstra o que diz a literatura quando mostra que a brincadeira, entendida em seu aspecto livre ou sobe a forma de jogo com regras, possui uma função simbólica e funcional. Para Brougère (1995, p.18) “elas se fundem, o valor simbólico é a função.” ainda para este autor, a brincadeira só existe na liberdade que a criança tem de iniciativa.

É perceptível que “o brincar” de uma maneira ou de outra esteve e está presente na história de vida dessas pessoas, embora com pouco tempo para brincarem, pois naquela época, segundo os idosos entrevistados, mulheres e homens, o trabalho era uma prioridade, depois os estudos e só depois as brincadeiras.

No que se referem às mudanças, os entrevistados disseram:

Muita mudança, tem diferenças, porque hoje tem, nas escolas mesmo tem, as festas do São João, com muitas crianças e naquele tempo não tinha nada disso, nenhuma comemoração, a gente ia só para estudar mesmo... Houve uma grande mudança mesmo, naquele tempo pra a gente estudar era maior sacrifício pra gente estudar, comprar lápis, caderno, tudo era por conta dos pais. E hoje tudo tem né. Hoje os alunos tem tudo nas escolas, o Governo paga até pra estudar. Naquele

tempo era com o dinheiro só dos pais. Não tinha merenda, e hoje em dia tem, a gente levava rapadura pra comer (I2, mulher, 77).

Homens e mulheres tinham muito tempo pra brincar não, porque tinham que trabalhar desde cedo, ou trabalhava ou morria de fome, era um tempo que ninguém tinha nada não. E hoje tem toda facilidade, todo mundo tem moto, carro, tem isso e aquilo, mais não dou valor não, para mim antes era melhor. (I5, homem, 76).

Os tempos mudaram, a infância de tempos atrás já não é igual à de hoje. Antes se passava mais tempos com os nossos familiares em rodas de conversas, ouvindo-se os mais velhos contarem história, piadas e anedotas. Ficamos mais tempos na mesa nas horas das refeições e nas calçadas. Dava-se valor aos brinquedos dos mais simples aos melhorzinho conforme as nossas poses, ao brincar com outras crianças, como correr para se esconder, entre outras coisas, até que apareceu a Internet, os vídeos jogos, os tabletes. Somos a última geração de pessoas que se recorda da infância sem Internet, sem tele-móveis ou tabletes. Sem violência sem medo (A2, homem, 40).

No tocante ao brincar nos dias de hoje, registram:

Hoje em dia as crianças não respeitam mais. As crianças hoje não querem mais brincar. As brincadeiras de hoje não são agradáveis como as de antes. Hoje tem internet, televisão, tem energia. Antes quando davam 6 horas da tarde já estávamos com as redinhas armadas (I1, mulher, 75)

As brincadeiras hoje, ninguém quer saber de brincadeiras, compram brinquedos mais não brincam, não querem brincar mais, e também não aprendem. E por aqui todo mundo tem televisão (I6, mulher, 79). Antigamente não existia internet, e hoje em dia é tudo com celular, coisa que naquele tempo não existia, tudo mudou. Piorou, porque tem criança que não solta o celular da mão, e isso é errado, erradíssimo, porque deixa de estudar para ficar com o celular (A1, mulher, 33).

Os tempos mudaram, a infância de tempos atrás já não é iguais há de hoje. Antes passava-se mais tempos com os nossos familiares em rodas de conversas, ouvindo-se os mais velhos contarem história, piadas e anedotas. Ficamos mais tempos na mesa nas horas das refeições e nas calçadas. Dava-se valor aos brinquedos dos mais simples aos melhorzinho conforme as nossas poses, ao brincar com outras crianças, como correr para se esconder, entre outras coisas, até que apareceu a Internet, os vídeos jogos, os tabletes.

Nas duas últimas questões lançadas (sobre as mudanças e o brincar hoje), vimos que transformações na vida das pessoas são percebidas na comunidade com o passar do tempo e estes sujeitos foram vendo as mudanças acontecerem, mas “o brincar” estava lá, intacto.

Nos discursos acima, destacamos como pontos importantes das falas as mudanças em comparação aos anos de 1950, como o aparecimento na comunidade dos meios de transporte e de comunicação (carro, moto, TV, internet, telefonia móvel). O trabalho árduo ainda é citado como uma continuação em ambos os grupos de entrevistados. Como mudanças eles citam as atividades escolares que de certa forma tem algum momento que para eles são considerados brincadeiras como as festividades e ou momentos de descontração – São João e datas comemorativas, hoje viáveis de serem realizadas nas escolas pela melhoria e investimento na educação.

Antes, o que vivenciavam era somente o desfile de Independência e as festividades religiosas, a principal delas o encerramento da festa do mês dedicado a Maria (vulgarmente

chamado de Derradeiro de Maio), que ainda é um continuo nos dias de hoje. O novenário de 31 dias é encerrado com uma grande festa na comunidade.

Destaques ainda para as falas sobre a mudança de compromisso com as relações familiares (mais simples, respeitadas e fortes) e a violência presente em todas as cidades, no campo isso também é uma constante atual.

Sobre o brincar, há no discurso dos entrevistados certo desgosto porque em seus dizeres, a tecnologia chegou e tomou conta de tudo, inclusive das brincadeiras, e a simplicidade das vivências - idosos e adultos, não é mais a mesma.

Como sabemos os ambientes rurais e urbanos apresentam características materiais e simbólicas distintas, o que contribui para uma vivência lúdica diferente entre as crianças desses ambientes, assim como afirma Silva, Pasuch e Silva (2012) que,

As crianças das áreas rurais estão submetidas às mediações materiais e simbólicas que também incidem sobre as crianças das cidades, assim como delas se diferenciam, particularmente em relação aos grandes centros urbanos, por viverem também mediações próprias de seus grupos sociais (SILVA; PASUCH; SILVA, 2012, p. 77).

É no campo que as brincadeiras contribuem para uma maior socialização entre os sujeitos, ou seja, o ato de brincar acontece com mais contato pessoal, já que não há o contato intenso com o meio digital e aparelhos eletrônicos que proporcionam um divertimento mais privativo e individual, o que antes era coletivo e mais saudável, a contar pelas correrias e reuniões em famílias na comunidade. Ficou claro nas falas dos adultos e idosos certo descontentamento com essas tecnologias, e novos aparatos usados para “o brincar”.

No contraponto das contribuições das crianças entrevistadas no que se refere às suas vivências a cerca do brincar nos dias de hoje, percebemos ainda bastante relação (continuo) e poucas diferenças (descontínuos).

De acordo com Kramer (2007), crianças são sujeitos sociais e históricos, distintos pelas contradições das sociedades em que estão fincadas. Elas são fruto da cultura e lançadas na cultura no espaço em que se inserem e que lhes é atual. Por isso, não desenvolvem uma comunidade isolada, mas, são componentes de um grupo e suas brincadeiras espalham esse pertencimento.

E por colocar-se nesse contexto histórico e social, as crianças aperfeiçoam sua experiência social e cultural do brincar através das relações que veiculam com os outros que vieram antes deles – avós e os adultos, que incluem seus pais.

Ainda segundo o autor supracitado o brincar é um conhecimento de cultura formidável, não apenas nos primeiros anos da infância, mas durante todo o trajeto de vida de qualquer ser humano. As crianças brincam, e isso é o que as distingue, independente da época.

Para ilustrar essa afirmação, devemos atentar que mesmo antes do brincar com os objetos, vem o brincar consigo mesmo e com as pessoas. O brincar com o corpo é descoberta. As primeiras brincadeiras do bebê estão relacionadas à descoberta do eu corporal: lidar com o seu corpo é uma grande e importante brincadeira das crianças (MACHADO, 2003).

O brincar alimenta-se das referências e do acervo cultural a que as crianças têm acesso, bem como das experiências que elas têm (BORBA, 2007).

A brincadeira criativa e imaginária, enquanto forma infantil de conhecer o mundo vem sendo ameaçada pelas representações disseminadas pelas mídias. Os bonecos de

super-heróis ou os videogames inspirados em produções televisivas demonstram que os significados do brincar são pautados externamente.

A brincadeira é um fenômeno cultural que sintetiza os valores do grupo no qual se desenvolve. Sua essência é a espontaneidade, e seu teor, a liberdade. Brincar pressupõe uma aprendizagem social. Aprendem-se formas, vocabulário típico, regras, modos de atuar coerentes. Neste encontro a brincadeira será discutida enquanto patrimônio cultural, portanto, além da visão funcionalista com a qual a escola trabalha (NEIRA, 2014).

Postman (1999) explica que na atualidade, as brincadeiras infantis foram “adultizadas”, de modo que um jogo infantil se tornou profissionalização e motivo de preocupação dos adultos. Não se observa mais com tanta intensidade marcas que lembrem um mundo infantil separado do mundo dos adultos (MÉLO, IVASHITA, RODRIGUES 2009, p. 315).

Nos dados da pesquisa com as crianças, percebemos que o brincar para as elas têm outros significados. Obviamente, todas as entrevistadas (C1 a C6) quando questionadas se brincavam, todas disseram sim, o que diferencia o modo ou a forma de brincar é a condição econômica da família e/ou se as brincadeiras são para meninos ou para meninas.

Percebemos que as brincadeiras e os locais em que realizam são quase sempre nos terreiros (C1, menina, 11) ou nas dependências da casa (área de serviço, quarto, garagem), relatados por C4, menino, 6 anos e C2, menina, 8, enfim, os mesmos dos pais e avós, apenas com as melhorias de condições financeiras e/ou de infraestrutura.

Uma observação a se fazer, é a regularidade das brincadeiras e como as crianças brincavam, pois, mesmo no terreiro ou nas imediações de casa, os idosos e adultos tinham apenas os irmãos e amigos mais próximos para brincar porque as casas eram distantes umas das outras, e mesmo assim havia uma integração das brincadeiras e entre eles. Atualmente, isso se modifica, mesmo sendo as casas próximas, infelizmente não se vê tanta interação entre eles nos terreiros, sendo brincadeiras em menos número de pessoas e/ou apenas dentro de casa.

Destaque para a fala de C6, menino, 10 anos que disse gostar de brincar, mas não tem tanto tempo, porque ajuda o pai em casa, buscando água na carroça de burro com minha irmã. E quando brinca, prefere ir aos imbuzeiros, subindo lá em cima com a irmã, marca presente também nas falas e vivências dos idosos e adultos.

Sobre essa realidade podemos citar Gobbi e Finco que afirmam que “a vida das crianças no campo revela uma infância livre com a possibilidade de espaços singulares para brincadeira em meio à natureza” e Morais e Pasuch, afirmam que “essa sensação de liberdade representa a vida do campo (apud Oliveira e Silva Siva e Martins, p. 271, 2013)”.

Na relação das brincadeiras prediletas, foram citadas diversas, das quais temos boneca – que nos dias de hoje já são bonecas de verdade e bem mais caras, já que as condições econômicas melhoraram, diferente das bonecas citadas pelos idosos (sabugo) e adultos (pano); bola, escolinha, esconderijo, bila no buraco (bola de gude), cantigas de roda (Terezinha de Jesus, Ciranda), amarelinha, peniquinhos (brincadeira de origem Africana também conhecida como Cinco-Marias), casinha, verdade e desafio, pular corda, Toca, Saci-Pererê, Cantigas usando o corpo (Chiclete, Era meia-noite, Bola de Fogo), subir nas árvores e jogos na internet ou celular (este último lembrado e citado apenas por C2, menina, 8).

Observa-se que algumas dessas mesmas brincadeiras são citadas pelos adultos e idosos, muitas delas só (re) configuradas com outro nome ou outra forma de brincar. Apareceram nos três públicos entrevistados: boneca, bola, as cantigas de roda, pular corda, esconde-esconde, brincadeiras ao ar livre e imaginativas (casinha, subir em árvore, etc).

A que se dizer que toda essa revolução tecnológica que está no centro das grandes transformações, que ocorrem em todos os aspectos da vida humana e impulsionam, não

apenas a economia e a mercantilização, mas também o elemento mais importante para o desenvolvimento: o conhecimento. Essas transformações incluem novas relações de trabalho, novas concepções de tempo, de espaço, de mundo, de infância, bem como novos estilos de vida, novas identidades.

Enfim, isso nos leva a crer que o presente e o futuro da humanidade estão indelevelmente marcados pelas tecnologias, e a questão que se coloca não é só como as tecnologias são usadas, mas se influenciam na forma como a sociedade encara a infância e, em particular, suas brincadeiras. No entanto, e ao fim dessa análise, tivemos a confirmação que mesmo influenciados pela tecnologia (lembrada apenas na fala de uma das crianças entrevistadas), o brincar permanece presente na comunidade e sua cultura é que pode ter sofrido transformações ou influência destas.

5. Considerações Finais

O presente estudo foi realizado na comunidade Redinha no município de São José do Sabugi-PB, com objetivo de compreender as transformações pelas quais a cultura do brincar sofreu na comunidade.

Através dessa pesquisa, foi possível perceber que a criança que brinca vive uma infância alegre e saudável, pois o brincar é uma necessidade básica dessa fase, é essencial para o desenvolvimento motor, emocional, social e cognitivo e possibilita a criança vivenciar momentos prazerosos, além de permitir o desenvolvimento de habilidades e competência à sua convivência social.

Observou-se a partir das falas dos sujeitos pesquisados, que o brincar como nos moldes antigos, citados pelos adultos e idosos, não foi abandonado pelas gerações atuais, apenas sofreram modificações pela própria transformação dos costumes da própria comunidade, já influenciados por uma nova cultura de viver no campo, campo este com as mesmas oportunidades vivenciadas na vida urbana (energia elétrica, rede de telefonia, internet, etc).

Pudemos perceber in loco e ao longo das considerações dessa pesquisa, que o brincar como uma ação criativa proporciona às crianças se apoderarem das práticas sociais, específicas dos grupos aos quais pertencem, bem como é uma atividade que melhora a construção da cultura de pares e a construção das culturas infantis da atualidade, fundamentais para que as crianças recriem e transformem a realidade.

Os dados obtidos nas entrevistas nos forneceram informações, de que as transformações das brincadeiras são percebidas na comunidade, acerca do passar do tempo e através das constantes mudanças que aconteceram atualmente. As brincadeiras mesmo não sendo mais as mesmas, não deixaram de existir. Atualmente, há as que preferem usufruir do uso de novas tecnologias, entre elas o celular, o computador, o tablet, etc, mas o brincar ainda é uma atividade que nunca se esgota, apenas se modifica com o acompanhar das transformações sociais.

É importante ressaltar a relevância social desse estudo, uma vez que proporciona uma compreensão sobre o brincar, e suas contribuições para a consolidação de uma educação infantil de qualidade, que oportuniza a criança um desenvolvimento sadio e feliz, mediante as interações que lhes são proporcionadas através de brinquedos, jogos e brincadeiras, independente do tempo ou do espaço em que se viva.

Referências

ARIÉS, Philippe. **História social da criança e da família**. Rio de Janeiro: LTC, 1981.

BENJAMIN, W. **Reflexões**: a criança, o brinquedo e a educação. (M.V. Mazzari, Trad/. São Paulo: Summus, 1984.

BRANCHER, Vantoir Roberto. **Cultura Infantil**: problematizando a ludicidade e o ser criança hoje. XIX ENDIPE, Anais do UFSM, 2008. 12 págs.

BRASIL. **Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil**. Brasília: MEC/SEF, 1998.

BRASIL. **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística**. ibge.gov. br. Disponível em: São José do Sabugí https://pt.wikipedia.org/wiki/S%C3%A3o_Jos%C3%A9_do_Sabugi. Acesso em 25 de setembro 2017.

BORBA, Ângela Meyer. **A brincadeira como experiência de cultura na educação infantil**. In: BRASIL/MEC - Revista Criança do professor de educação infantil – Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2007.

BROUGERE, Gilles. Jogo e Educação. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997. In: ALVES, Álvaro M.P; GNOATO, Gilberto. **O brincar e a cultura**: jogos e brincadeiras na cidade de Morretes na década de 1960. Psicologia em Estudo, Maringá, v.8, n.1, p.111-117, jan./jun.2003.

BROUGERE, Gilles. Brinquedo e Cultura. Traduzido por Gisela Wajskop. 4 ed. São Paulo, Cotez, 2001. In: KISHIMOTO, Tisuko (org). **O brincar e suas teorias**. São Paulo: Pioneira, 2002.

COUTINHO, Ângela Maria Scalabrin. **Culturas Infantis**: Conceitos e Significados no Campo da Pesquisa e no cotidiano da Educação Infantil. PPGE/ UFSC. 10 págs.

DA ROS, Silvia Zanatta. **Brincadeiras Infantis e relações sociais**. Florianópolis, UFSC/CED, NUP, n.22, p. 139-155.

ECO, Umberto. Huizinga e o jogo. In: **Sobre os espelhos e outros ensaios**. São Paulo: Nova fronteira, 1985.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das Culturas**. Zahar. Rio de Janeiro, 1973.

GEERTZ, Clifford. **A Interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

KISHIMOTO, Tizuko Morchila. Brinquedos e brincadeiras na educação infantil. In: **Anais do I seminário nacional: currículo em movimento – Perspectivas Atuais**. Belo Horizonte, nov. 2007.

KRAMER, Sônia. A infância e sua singularidade. In: **Ensino fundamental de nove anos: orientações para a inclusão da criança de seis anos de idade/ organização Jeanete Beauchamp, Sandra Denise Rangel, Aricélia Ribeiro do Nascimento – Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2007. p.13-21.**

LARAIA, Roque de Barros, 1932 – **Cultura: um conceito antropológico**. 19. ed. – Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006. p. 7- 63.

LIMA, Márcia Regina Canhoto de; LIMA, José Milton de. **A ludicidade como eixo das culturas da infância**. n. 27, p.207-231, 2013.

MACHADO, M. M. **O brinquedo-sucata e a criança**. Edições Loyola, 2003.

MEDEIROS, Maria Lucia. **A Cultura da Infância e a formação do professor**. Cadernos CENPEC 2010 n.7. p.60-65.

MELO, C. S, IVASHITA. S.B, RODRIGUES: POSTMAN, Neil. **O desaparecimento da infância**. Tradução: Suzana Menescal de A. Carvalho e José Laurenio de Melo. Rio de Janeiro: Graphia Editorial, 2009.

NEIRA, Marcos. **A brincadeira é livre!** Carta Fundamental, n.60, agosto 2014.

NISBET, Robert A. Comunidade. In: FORACCHI, Marialice M.; MARTINS, José de Souza (comp.). **Sociologia e Sociedade**. 12a Ed. Rio de Janeiro: LTC-Livros Técnicos e Científicos Editora S.A.,1987.

PEIXOTO, Sérgio Elísio. **Comunidade e desenvolvimento Agrícola**. Núcleo de Estudos Ambientais e Rurais - Nuclear UFBA. 2006. 18 p.

OLIVEIRA E SILVA, Isabel de; SILVA, Ana Paula Soares da; MARTINS, Aracy Alves (orgs). **Infâncias do campo**. Belo Horizonte: Autêntica Editora. (Coleção Caminhos da Educação do Campo). **Infâncias no e do campo: como as crianças vivem, brincam, estudam e compartilham experiências**, 2013, p. 13-89; 248-275.

POSTMAN, Neil. **O desaparecimento da infância**. (tradução de Suzana Menesca de Alencar Carvalho e José Laurínio de Melo). Rio de Janeiro: Graphia,1999.

QUEIROZ, Norma Lucia Neris de; MACIEL, Diva Albuquerque; BRANCO, Angela Uchôa. **Brincadeira e desenvolvimento infantil: um olhar sociocultural construtivista**. Universidade de Brasília. Paidéia, 2006, 16 (34), págs.169-179.

SARMENTO, Manuel Jacinto. **As culturas da infância nas encruzilhadas da 2ª Modernidade**. (Instituto de Estudos da Criança Universidade do Minho), 2003, 22 págs.

VYGOTSKY, L.S. A formação social da mente. São Paulo: Martins Fontes. 1984.